

IMPORTÂNCIA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO PROJETO VEREDAS

FREITAS, Dayse Stefanie de Lima¹
SOUZA JR, Arlindo José de²

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

WALTER BENJAMIM

Resumo: Os Memoriais de Formação são importantes narrativas desenvolvidas ao longo do Curso Veredas. Eles devem refletir a história de formação profissional, as experiências no exercício da profissão e, ainda, o aprendizado proporcionado pelo curso. Assim, pretende-se resgatar e destacar, com base em estudiosos do tema, a importância desse tipo de documento em Cursos de Formação, no caso desse artigo, o Projeto Veredas.

Palavras-chave: Memorial de Formação, narrativas, trajetória profissional e pessoal.

I- Introdução:

O presente artigo tem por objetivo destacar a importância dos Memoriais elaborados por professores participantes do Curso Normal Superior – Veredas, na formação desses docentes. O Curso Normal Superior – Veredas ofertado na modalidade a distância, proposto pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, distribuído em 16 sub-pólos e entregues a Instituições de Ensino do Estado de Minas Gerais, por meio de processo licitatório. O Sub-Pólo 02, alvo da nossa pesquisa, abrange 57 municípios da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e foi assumido pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, atendendo a um público de 611 professores das redes estadual e municipal, com duração de três anos e meio.

O curso teve início em fevereiro de 2002, devendo o processo acadêmico ser concluído em julho de 2005. O Curso Normal Superior – Veredas, implementado por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação, as Instituições de Ensino Superior e os municípios mineiros, propiciará aos professores em exercício na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental a formação em nível superior.

O Memorial é um documento elaborado passo a passo, no qual são relatadas as impressões sobre a aprendizagem, os acertos, as vitórias, os avanços, as escolhas, assim

¹ Pedagoga, Especialista em Educação a Distância pela UFPR, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Docente do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e Doutor em Educação pela UNICAMP.

como os retrocessos, as paradas e as dúvidas. É a oportunidade de registrar as reflexões sobre os vários momentos da formação e sua relação com a prática pedagógica. É o registro das histórias de aprendizagem e seus reflexos no cotidiano.

Nesse sentido, nossa proposta de trabalho é respaldada pelas concepções de Connelly e Clandinin (1995, p.11), uma vez que consideram que o homem é essencialmente um contador de histórias que extrai sentido do mundo pelas histórias que conta. Nas palavras dos autores:

[...] a razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que nós seres humanos somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma em que os seres humanos experimentam o mundo. Dessa idéia geral se deriva a tese de que a educação é a construção e a reconstrução das histórias pessoais e sociais, tanto os professores como os alunos são contadores de histórias e também personagens nas histórias dos outros e em suas próprias.

Esse tipo de documento tem sido muito utilizado nos processos de formação acadêmica e traz a voz dos professores por meio da análise de sua trajetória escolar. Nele, prática e reflexão unem-se, estabelecendo um íntimo diálogo e permitindo por meio da tríade lembrar/repensar/re-significar uma possibilidade de construir/refazer/transformar suas próprias experiências e práticas pedagógicas. Nóvoa (1997, p.36), chama-nos a atenção para a necessidade de trazer à tona os saberes dos docentes uma vez que

O saber dos professores – como qualquer outro tipo de saber de intervenção social – não existe antes de ser dito. A sua formulação depende de um esforço explicitado e de comunicação, e é por isso que ele se reconhece, sobretudo, através do modo como é contado aos outros. Os professores possuem um conhecimento vivido (prático), mas que é dificilmente transmissível a outrem. Ora, na medida em que, no campo educativo o saber não preexiste à palavra (dita ou escrita), os conhecimentos de que os professores são portadores tendem a ser desvalorizados do ponto de vista social e científico.

Portanto, os estudos sobre a vida de professores, escolhas, percursos profissionais, carreira e histórias de vida apontam para a emergência de uma nova forma de produção acadêmica que busca, como assinala Nóvoa (1995, p.15), *recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação*. Isso é muito importante e demonstra a relevância de se trabalhar com narrativas de professores em cursos de formação.

Já Mishler (2002, p.104) aponta duas perspectivas que podem ser utilizadas quando trabalhamos com narrativas. Podemos trabalhar na perspectiva tempo/cronológico ou ainda o modelo tempo narrativo/experiencial. As narrativas contidas no Memorial de Formação são pontuadas pelos professores-cursistas como sendo a possibilidade do tempo

narrativo/experiencial, pois os fatos são mais de uma coisa depois da outra. Eles enfatizam a importância do contexto na produção das narrativas, apontam a possibilidade de *reinterpretar o significado dos eventos passados em termos de conseqüências posteriores, por meio das quais eles redefinem quem são e revisam os enredos de suas histórias de vida.*

Cabe, portanto, explicitar a concepção do Memorial como um tipo de narrativa; de que forma os Memoriais constituem-se como estratégia de formação do educando e como serão tratados nesta pesquisa.

Para estabelecer a perspectiva adotada e perceber a importância dos Memoriais, devemos partir da definição do que é um Memorial.

II- Memorial de Formação

A palavra Memorial vem do latim *Memoriale* e significa memento, fatos memoráveis, que precisam ser lembrados. Segundo Carrilho et al. (1997, p.04), o Memorial *é um texto de caráter científico, onde o autor descreve a sua trajetória profissional de forma crítica e reflexiva.*

Nessa definição interessam-nos especificamente, dois elementos: a trajetória profissional e o teor crítico-reflexivo. Pelo fato de focar a trajetória profissional, o Memorial constitui-se como instrumento que enfatiza o professor como sujeito construtor da história, uma vez que possibilita a reflexão sobre os fatos do seu cotidiano, as práticas individuais e a teia de relações sociais e interpessoais estabelecidas com outros sujeitos – alunos, professores, diretores, funcionários, membros da sua família. No que se refere ao teor crítico-reflexivo do Memorial, ele se acentua pelo fato de que o professor-cursista é levado a reconstruir sua trajetória profissional e a captar, nos meandros de sua formação, a constituição dos saberes docentes.

O Memorial de Formação é coletivo e individual ao mesmo tempo. O seu caráter coletivo é perceptível na narrativa, uma vez que o professor (re) constrói a teia de relações na qual está inserido.

Por sua vez, a singularidade permeia todo o Memorial, já que cada professor registrará a sua percepção e a memória do vivido, construirá significados e destacará os momentos da vida profissional e pessoal que considerar mais relevantes. Essa singularidade é elemento fundamental na condução do processo ensino-aprendizagem. Pelo menos em tese, ao longo de sua graduação, os educandos do Curso Normal Superior – Veredas terão acesso e vivenciarão o “mesmo” processo de ensino-aprendizagem, mas os Memoriais de Formação demonstram que a **experiência** na graduação relaciona-se diretamente à trajetória e história de vida de cada um e, por isso, cada Memorial é carregado de singularidades que distinguem a formação de cada um dos educandos.

O Memorial assume um caráter libertador na medida em que o sujeito do processo ensino-aprendizagem passa a ser o educando. Durante todo o tempo, o professor-cursista “fala” e esta oralidade, que poderia ser captada também por outros métodos de pesquisa – como a entrevista e a utilização da história oral – perpassa pela narrativa.

O caráter libertador das narrativas foi tratado profundamente por Walter Benjamin (1987, p.197-198), para o qual, em nossa sociedade,

[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Podemos captar, nessa passagem, a característica fundamental da atividade do narrador: o intercâmbio de experiências. O intercâmbio é um elemento-chave justamente por exigir que o narrador e seu público estejam em estreito contato e, por isso, segundo Benjamin (1987, p.221),

o narrador figura entre os mestres e os sábios. [...] Pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer).

Como podemos perceber, a experiência é fundamental e, para esse autor, ela se diferencia da vivência. A vivência é superficial, e nela não encontramos a elaboração de uma síntese, também não ocorre um intercâmbio entre o narrador e o público. Por sua vez, experiência implica troca, a vida dos envolvidos é colocada em contato, discutida, recriada e reabsorvida individual e coletivamente.

Nesse constante fluxo, a experiência do narrador e a do outro fundem-se e recriam-se. Verifica-se a apropriação das experiências por ambos. No caso do professor-cursista, como discutiremos ao longo do trabalho, as narrativas construídas no Memorial de Formação propiciam a troca de experiências com outros educandos e professores e os recolocam como construtores de sua própria história e de seu conhecimento.

Para Larrosa (2001, s/p), a experiência possui um caráter particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal e dinâmico; é "o que nos acontece" e não "o que acontece", de forma que o acontecimento pode ser o mesmo, mas a experiência é única, singular, irrepetível. A experiência não pode ser planejada como um experimento, tem a ver com a existência, com a vida singular e concreta de um sujeito também singular e concreto, comporta incertezas. Aqui, *experientia significa salir hacia fuera e pasar através*, e o saber da experiência são os sentidos que damos a este acontecido em nós; logo saberes da experiência não poderiam ser vinculados a conhecimentos e verdades universais e únicas.

Larrosa (2000, p. 52-53) aponta que o processo de formação vivido por cada pessoa pode ser comparado a uma viagem:

*[...] o processo de formação está pensado como uma aventura, uma viagem, uma viagem não planejada e não traçada antecipadamente
[...] Experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem*

e que tem suficiente força para que alguém se volte para si mesmo para que a viagem seja uma viagem interior [...] na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém e a prova de desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém.

Pela metáfora apresentada por Larrosa, confirmamos que a estrada pode ser a mesma e a viagem ser diferente. A viagem é como a experiência singular. Por estarmos trabalhando com as narrativas de educadores, é importante salientar ainda sua constituição como um lugar/espazo/tempo de produção de diferentes saberes.

Quanto ao tratamento das experiências dos professores-cursistas, Tardif (2000) aponta para a necessidade das pesquisas educativas serem realizadas com o próprio docente, considerando os saberes construídos por meio de suas experiências. As narrativas de vida de professores trazem à tona vozes que ficaram por muito tempo, praticamente, emudecidas nas pesquisas acadêmicas.

Fonseca (2002, p. 86) observa, ainda, que a história de vida dos professores têm muito a nos revelar, pois

[...] ensejam múltiplas leituras, possibilitando aos leitores interpretações, reflexões sobre aquilo que os narradores contaram e que desejam ver transmitidos aos outros. Muitas de nossas inquietações são, de certa forma, respondidas no interior das narrativas. Muitas outras questões que não foram levantadas a priori são descritas de forma espontânea e aberta, abrindo possibilidades para análise de outras dimensões em diversos campos de estudo.

Quanto à valorização da história de vida dos professores, Nóvoa (1992, p.3) na introdução da obra “Vida de Professores”, lembra-nos que

Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar; e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.

Desse modo, compreender o processo de formação dos professores significa dar valor ao seu percurso de vida, à construção de sua própria identidade, enxergar suas particularidades, singularidades, totalidades e pluralidades. Tais temas são resgatados por Moita (1992, p. 114-115), para quem

[...] Compreender como cada pessoa se forma é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma

é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos.

As narrativas em educação colocam-se a serviço do narrador, visando a sua transformação, e, enquanto escreve, sua trajetória é transformada, revitalizada e ressignificada. Goodson (1992, p.75) afirma ainda que as histórias de vida dos professores [...] *podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história de seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, escolhas, contingências e opções com que se depara o indivíduo.*

Assim sendo, dar voz às narrativas das/os professoras/es significa, como assinala Meihy (1996, p. 26), enxergar a *percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado.*

E é no resgate dos momentos significativos da trajetória profissional desses professores que surge a possibilidade da auto-conscientização e da mudança. Através desses momentos, descobrimos *conexões das quais não estávamos previamente cientes, nos reposicionando a nós mesmos e aos outros em nossa rede de relações.* (MISHLER, 2002, P.105), portanto, ao pesquisador, preocupado com esse novo enfoque, abrem-se diversas perspectivas teóricas e fontes de estudo.

III- O Memorial na formação de professores

Destacada a importância da narrativa para a abordagem da experiência de vida dos professores, agora nos preocuparemos, especificamente, com a utilização do Memorial de Formação – e da narrativa nele construída – como estratégia de formação profissional das professoras-cursistas.

Pimenta e Anastasiou (2002) trazem-nos experiências significativas a respeito do desenvolvimento profissional dos professores, ao refletirem sobre a experiência do Curso de Agronomia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no qual foi implantado um amplo programa de avaliação institucional, que constava de Programa de Auto-Avaliação Docente e Avaliação Docente pelo Discente, tendo como cerne a questão da formação dos professores.

Entre os recursos utilizados nesse processo, as autoras destacam os processos de reflexão e elaboração das histórias de vida dos professores, em forma de Memorial. Para elas, a escrita do Memorial tem contribuído de modo significativo para o desenvolvimento profissional dos professores, uma vez que o ato de relembrar possibilita a reconstrução da memória com todo o veio afetivo e intelectual e, ainda permite a organização das experiências.

O Memorial de Formação também foi utilizado no **PROFORMAÇÃO**³, na tentativa de se constituir num espaço de singularização dos sujeitos envolvidos no processo.

Cunha (1997) e Passeggi (2000) em artigos intitulados “Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no Ensino” e “Memoriais de Formação: processos de autoria e de (re)construção identitária”, respectivamente,

³ PROFORMAÇÃO é um curso de nível médio, com habilitação em Magistério na modalidade de ensino a distância, realizado em parceria com o MEC, estados e municípios. O Programa destina aos professores que não possuem a habilitação mínima legalmente exigida e se encontram lecionando nas quatro séries iniciais, classe de alfabetização e pré-escola das escolas públicas.

apresentam experiências na formação de professores, nas quais é utilizado o Memorial de Formação. Ambas as autoras apontam as contribuições do instrumento narrativo no processo de reconstrução identitária, validação de conhecimento produzido por professoras e ainda a possibilidade de construção da autonomia.

Desse modo, o Memorial constitui-se como importante instrumento para a compreensão dos acontecimentos e uma valiosa referência para a reflexão acerca dos saberes e das práticas docentes. Num primeiro momento, ao lembrar-se de algo, cada pessoa realiza um balanço, recorta e pensa a respeito de determinado momento vivido.

Cada experiência apresenta-se como uma síntese do que foi e do que poderia ter sido, e essa leitura do ser e do dever ser permite-nos a compreensão dos contornos identitários que cada narrador faz de si próprio. Em seguida, ao articular o presente e o passado num discurso, o narrador define o que é ou foi significativo, com base no presente. O presente constituiu, pois, o elemento norteador da seleção dos fatos.

Assim, podemos inferir que a prática de cada docente é fruto de sua história, que, aflorando ora como reprodução ora como transformação, permite-nos compreender os valores, crenças, injunções, frustrações e dificuldades que caracterizam o seu desempenho profissional hoje.

Em nosso entendimento, a utilização dos Memoriais nos cursos de formação de professores deve-se ao fato de ser ele um guia, elaborado segundo o olhar dos próprios alunos, para compreender o seu processo de formação de uma perspectiva reflexiva e autocrítica. O Memorial reveste-se, portanto, da possibilidade de se fazer, de se re-fazer, de ser e de vir-a-ser.

O Memorial é uma exigência no curso Normal Superior – Veredas e deverá ser construído ao longo do curso. Nos documentos do Curso Normal Superior-Veredas, o Memorial é descrito como instrumento de resgate e significação da profissão docente, uma maneira de estabelecer a interdisciplinaridade e registrar as experiências acumuladas ao longo da vida das professoras-cursistas.

Segundo o Guia Geral (2002, p. 30)⁴, o Memorial é:

[...] um depoimento escrito sobre o processo que você vivencia ao longo do curso, com respeito não só à aprendizagem de conteúdos, mas, sobretudo, com relação à (re) significação de sua identidade profissional e à reflexão sobre sua prática pedagógica em uma perspectiva interdisciplinar.

O Guia Geral aponta ainda o caráter individual do Memorial, focando a história de vida de cada cursista e as experiências acumuladas ao longo dos anos. Deve ser um procedimento sistemático de reflexão, incorporando os dados principais do processo de formação.

O Memorial de Formação está relacionado ao Eixo Integrador do curso, que compreende o espaço voltado para a interdisciplinaridade, articulando as temáticas desenvolvidas no curso e realizando a comunicação entre os conteúdos de caráter cognitivo e a prática cotidiana e a experiência profissional. Possibilita também, de acordo com o Guia Geral (2002, p. 30), o exercício sistemático da escrita, facilitando, assim, o desenvolver da

⁴ Guia que apresenta informações em relação à proposta do Curso Normal Superior - Veredas, focando as estratégias de estudo e verificação da aprendizagem no mesmo.

Monografia que também é um instrumento avaliativo exigido pelo Projeto Veredas. “Por suas características, o Memorial será também uma prática preciosa para o aperfeiçoamento da sua escrita, o que deixará você muito mais à vontade para escrever a sua Monografia. Ele será avaliado através dos registros feitos ao longo de cada módulo pelo tutor”.

Nesse sentido, o Memorial de Formação ensina o re-fazer a trajetória pessoal e profissional, uma análise sobre os fatos e ocorrências que, de alguma forma, interferiram na identidade profissional. É a possibilidade de conferir *status* ao saber cotidiano, confinado ao espaço da sala de aula. Encontramos, no Guia de Estudo – Módulo 1, Volume 1 (2002, p. 162-163), a explicitação da importância da narrativa no processo de formação.

São páginas de sua história que dão visibilidade ao seu passado, revelam sua identidade, trazem suas análises e reflexões. São páginas especiais, em que você se apropria do conhecimento, utilizando-o para descobrir caminhos e perspectivas para o futuro. Portanto, trata-se de uma tarefa individual, centrada em sua história pessoal e profissional, a ser desenvolvida ao longo do curso como um exercício contínuo e gradativo.

O Memorial de Formação tem um importante papel no curso Normal Superior – Veredas, que é ser um elemento articulador entre teoria e prática, e deve refletir as contribuições dos componentes curriculares na formação e atuação profissionais. No Guia de Estudo – Módulo 1, Volume 1 (2002, p. 163), encontramos essa função explicitada.

O Memorial irá privilegiar sua experiência pedagógica. Cada professor cursista deverá rever sua própria prática pedagógica e analisá-la à luz dos conhecimentos teóricos focalizados nos diferentes componentes curriculares. Assim, o Memorial tem uma perspectiva teórico-prática e interdisciplinar.

Ao elaborar o Memorial de Formação, os professores terão a possibilidade de re-fazer seus percursos pessoais e profissionais e descobrir a influência de suas experiências educativas na configuração de sua identidade profissional. Isso é retratado no Guia de Estudo – Módulo 1, Volume 3 (2002, pág. 164-165).

[...] por meio da elaboração do Memorial, [o professor-cursista] poderá compreender a origem, no seu processo de formação e na sua trajetória escolar, de muitos dos fatores que explicam a razão de dificuldades ou facilidades encontradas no seu trabalho. [...] Ao elaborar o Memorial o professor torna-se mais consciente das razões que o levam atuar de uma certa forma, tornando-se possível modificar comportamentos que não condizem com um exercício profissional competente e responsável. Fazer o exame crítico dos processos de formação e de trabalho, e da maneira como os primeiros influenciam os segundos é uma via muito importante para que o professor se torne cada vez mais consciente de suas decisões e de sua forma de atuar, e mais capaz de interpretar suas próprias ações. É importante que, em seu Memorial, [o professor-cursista] explore diferentes eventos que julga terem influenciado suas escolhas, assim, como momentos e situações que modificaram seu modo de pensar e os conflitos e dificuldades que vivencia no seu dia-a-dia. Desta forma, várias coisas que [o professor-cursista] não considerava relevantes em sua

prática também serão postas em questão pelas reflexões e estudos realizados durante o curso.

Percebemos, assim, que os Memoriais são revestidos de duplo caráter: constituem instrumentos de avaliação do processo ensino-aprendizagem e visam, entre outras competências, a desenvolver no aluno a capacidade crítico-reflexiva, que será, em momento posterior, coroada na experiência da elaboração de monografia de conclusão de curso.

IV- Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas.V.1.3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARRILHO, M.F. et al. *Diretrizes para a elaboração do Memorial de Formação*. Metodologia do trabalho científico. Natal:IFP/URRN, 1997. Mimeo.

CONNELLY, M. e CLANDININ, J. Relatos de Experiencia e Investigacion Narrativa. In: LARROSA, Jorge. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995.

CUNHA, M. I. *Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. Revista Faculdade de Educação, Jan./Dez. 1997, vol.23, no.1-2.

FONSECA, S. G. Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: CICILLINI, G. A., NOGUEIRA, S. V.(org). *Educação Escolar: Políticas, saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: EDUFU, 2002.

GOODSON, I. *Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional*. In: NÓVOA, A. (org.) *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1992, p.51-77.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Leituras da Secretaria Municipal de Campinas, Campinas, SP, n.4, julho de 2001. s/p.

MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. *Veredas: Formação Superior de Professores Curso a Distância*. Guia Geral. 2002.

MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. *Veredas: Formação Superior de Professores Curso a Distância*. Guia de Estudos. 2002.

MISHLER, E. G. *Narrativa e identidade: A mão dupla do tempo*. In: LOPES, L. P. M.

MOITA, M. C. *Percurso de Formação e Trans-formação*, in NÓVOA, A.(org) – *Vida de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. (org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote,1995.

_____. *Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa*. In: Fazenda, I. *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. Campinas: Papyrus, 1997.

____. Vida de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, M. C. *Memoriais de Formação: processos de autoria e de (re)construção identitária*. <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1970.doc>> Acesso em 20 de janeiro de 2003.

PIMENTA, S. G. , ANASTASIOU, L.G.C. *Docência no Ensino Superior – Volume I*. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o Magistério*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr. 2000 N° 13.